

# A FOTOGRAFIA ENTRE O OLHAR DE UM CEGO E SEUS MUNDOS

Dânia Soldera

FAV/UFMG, Brasil

danisoldera@gmail.com

## RESUMO

Na busca por alçar novos olhares, este artigo apresenta outros modos de ver o mundo e as imagens por meio das imagens produzidas por um fotógrafo cego. Desse modo, a proposta é problematizar o que é o ver e os modos de ver, principalmente no tocante às imagens fotográficas, e propor novas possibilidades para perceber e relacionar-se com as imagens. O olhar dos artistas fotógrafos cegos é o ponto de partida para articular conceituações, apontamentos, problematizações e questionar a convicção ocolocentrista que pensa o mundo imagético como pertencente apenas aos videntes. A fundamentação teórica tem raízes nos estudos da cultura visual que corroboram para pensar o ver, a fotografia e a reflexão dos deficientes visuais viabilizada pelo campo, e discutir questões como imagem, sua produção e alguns possíveis modos de ver e se relacionar com as imagens. A fotografia é colocada em debate para avançar nas reflexões referentes aos modos de ver, perceber, criar e pensar o ver que vai além. E pensa a descrição e a língua como elementos articuladores para a relação dos deficientes visuais com a fotografia e imagens de modo geral. Ao adentrar no universo da língua, a tradução surge como possibilidade para refletir sobre os modos de construção das imagens fotográficas pelos deficientes visuais. O ver é uma construção que se apoia na visão, e que se completa nas sensações, memórias e imaginação. Buscando ampliar a discussão sobre os modos de ver são apresentados os relatos, processos e trabalhos fotográficos de Josias Neto. Análises e interpretações que abarquem a produção deste fotógrafo não são tecidas, pois o intuito da pesquisa é refletir a respeito das possibilidades do ver em sua riqueza de formas e manifestações, com isso, ampliar o conhecimento sobre a imagem.

Palavras-chave: fotografia; modos de ver; fotógrafos cegos; tradução; cultura visual.

O intuito deste artigo é trazer ao pensar o que é o ver e os modos de ver, principalmente no tocante às imagens fotográficas, e apresentar outras possibilidades para perceber e relacionar-se com imagens. Para desencadear tal processo, tomamos o ponto de vista de um fotógrafo cego, a fim de pensar os modos de ver, perceber e criar imagens e a construção de significados a partir delas. O olhar dos deficientes visuais põe em questão a convicção de que apenas aos videntes pertence o mundo imagético.

Ao questionarmos a posição ocolocentrista, ante as imagens, sugerimos formas diversas de perceber e criar sentidos com e a partir delas. É desse lugar que falamos, um terreno de limites tênues e indefinidos, em que as regras para o ver são efêmeras, fluidas, em constante transformação. Adentramos territórios que possibilitam às imagens modificar-se, adquirir novos sentidos e significados, depois de vistas, ao serem 'transvistas' por quem se relacione com elas.

Um aspecto da construção deste texto merece ser apontado para que a leitura não fique comprometida: a escrita na primeira pessoa do plural. Entendemos ser este o momento para uma breve explanação a respeito. A escolha da escrita e narração na primeira pessoa do plural, o nós, não é fortuita, e muito menos decorre de algum demagogismo acadêmico. Essa escolha resultou da maneira como nos propomos a encarar a pesquisa e o ver. Antes de iniciá-la, tínhamos outras concepções a respeito da imagem, dos modos de ver, perceber e pensar sobre ela. Durante o percurso, também nossos modos de encarar, pensar e sentir o assunto foram mudados e estão em processo de ampliação. Por essa razão, quando falamos nós é porque os nossos modos de ver também estão em suspenso e incluídos na construção pelo 'transver'. Esse 'transver' só ocorre no encontro com o outro, que, por sua vez, toma forma ativa no 'transver'. O outro, sejam os teóricos ou os colaboradores, ao encontrar o eu do pesquisador, faz surgir o nós da narração, e pensar no 'transver'.

## 1. A CONSTRUÇÃO

Num primeiro momento, parece ser uma tarefa muito difícil, para não dizer impossível, imaginar que indivíduos cegos estabeleçam qualquer relação com imagens. Mas consideramos que, no cenário contemporâneo, parte significativa das informações que nos chegam diariamente são imagéticas, informações visuais de todos os tipos, veiculadas por diferentes mídias. Assim, não podemos ignorar o fato de que, de alguma maneira, os cegos também se relacionam com elas. Se eles vivem em um mundo ocolocentrista, transitam entre imagens, estas fazem parte do seu dia a dia e, conseqüentemente, do seu repertório. Baseados apenas nesse argumento já podemos supor que sim, os cegos vivem imagens, percebem-nas, constroem significados a partir delas e também são tocados a produzi-las.

Ao pensar que "uma educação para a cultura visual não implica na formulação de regras para o olhar e muito menos uma expectativa de generalizar ou 'universalizar' modos de ver e interpretar" (Valença e Martins, 2007: 888), percebemos nesse campo de estudos a abertura epistemológica que possibilitaria colocar em questão o ato de ver e ao território de fronteiras cambiáveis por onde o olhar do cego poderá nos guiar e permitir ampliar discussões sobre a imagem. Parte dessa motivação advém das inquietações levantadas pelo teórico da cultura visual W. J. T. Mitchell, quando diz que "do ponto de vista sensorial

todas as mídias são ‘mistas’ (Mitchell, 2009: 167). Ou seja, independentemente de suporte ou técnica, a visão é apenas um dos vários sentidos estimulados pelas produções artísticas e demais artefatos que constituem a cultura visual. Entendemos, com isso, que a fruição de uma imagem visual está além dos limites da visão, o que implica uma abrangência ampliada das possibilidades de percepção. Outra questão apresentada pelo autor e que, de certa forma, confirma e instiga o pensamento anterior, refere-se ao que venha a ser uma alfabetização visual. Mitchell cita os experimentos do cientista e pesquisador Bishop Berkeley, o qual – por meio de experiências empíricas com pessoas que recuperaram a visão após longo período de cegueira – relata a dificuldade da reabilitação visual. Situação também descrita por Oliver Sacks no texto “Ver e não ver” (1995), sobre o caso de Virgil, um homem de cinquenta anos cego desde a infância em decorrência da retinose pigmentar (doença sem correção até os dias atuais) e catarata. Virgil passou por cirurgias para remover as espessas cataratas e teve seu dia a dia acompanhado pela noiva Amy, que iniciou um diário no dia seguinte à operação. Já no segundo dia Amy relatou alguns problemas com relação à reabilitação visual de Virgil: “Tentando se adaptar à visão, é difícil passar da cegueira à visão. Tem que pensar mais depressa, ainda não é capaz de confiar na visão. [...] Como um bebê aprendendo a ver, tudo é novo, excitante, amedrontador, está incerto sobre o que significa ver” (Sacks, 1995: 72). Tais situações apontam para a necessidade de uma “‘linguagem visual’ que requer a coordenação de impressões ópticas e táteis a fim de construir um campo visual estável e coerente.” (Mitchell, 2009: 174). Um campo visual se estabelece e recria com base nas diferentes percepções sensoriais. Esse deslocamento do olhar é propiciado por um campo de estudos que não estabelece fronteiras fixas, e abre precedente para o caminhar nesse terreno partindo das bordas e deslocando o centro, provocando fissuras e estranhamentos, ao mesmo tempo em que se transforma.

É neste aspecto que percebemos os estudos da cultura visual como um terreno aberto, flexível e possível de se problematizar tais questões. Para complementar essa ideia, Dias (2011) apresenta o pensamento de Mignolo a respeito da epistemologia de fronteira, que “incentiva o desenvolvimento de um ‘outro pensamento’, deslocando os binários eu/outro (...), e provocando um deslocamento de rígidas noções de expectativa, análise de imagens, modos de ver, questões de posicionalidade” (Dias, 2011: 89). É dessa forma que o problematizamos, como um local que possibilita o surgimento de um outro pensamento e de outros modos de ver. Evgen Bavcar, fotógrafo e filósofo esloveno, cego desde os 12 anos em decorrência de dois acidentes, também trata desse trânsito, quando fala do seu lugar entre dois mundos, ou nos dois mundos ao mesmo tempo, o mundo dos videntes e dos cegos, do visível e do invisível, da luz e das trevas, da imagem e do verbo, do fotógrafo que mesmo cego produz imagens e reflete a respeito delas e da possibilidade de ver além delas.

Por mais que, ao falarmos dos estudos da cultura visual, num primeiro momento, o associemos diretamente à visão, este é um campo de estudos que parece mais próximo da experiência com a imagem. Ou seja, abarca também a possibilidade de aproximação com a não visualidade – expressão aqui empregada para falar da ausência da visão em níveis profundos da deficiência visual, ou simplesmente, a cegueira –, pois não limita seu foco apenas a descrições formais ou significados dos elementos que compõem a imagem. Ele possibilita uma conversa com as imagens fotográficas a partir de outras perspectivas, outros sentidos e experiências individuais. Desse modo, destacamos Aguirre quando aborda o “trabalho com a cultura visual a partir da perspectiva da experiência” (2011: 88). Pensamos nesta como a experiência de vida e de mundo, e, também, como uma referência que para o cego se dá por meio das suas memórias. No campo de estudos da cultura visual as formas/elementos visuais não são tomados como fontes únicas de informação, abrindo espaço para que a bagagem de conhecimentos do indivíduo faça parte das impressões, compreensões e interpretações que formará, quando em contato com uma fotografia, por exemplo.

Se a educação da cultura visual, como apontada por Dias (2011: 39), entende que “diferentes formas de produção da cultura visual possam ser estudadas e entendidas de um modo mais relacional e contextual”, por que não pensar um pouco mais, também, com relação às diferentes formas de percepção dos artefatos da cultura visual? Pois, como destaca Mitchell (2009), não existem mídias puramente visuais, ou seja, não apenas vemos uma imagem, com também podemos percebê-la pela audição, olfato, paladar, tato, e ainda por nossas memórias, os registros pessoais de contatos e experiências anteriores. Conhecer as ideias de estudiosos como os mencionados nesse trabalho abre precedente para refletir a partir do olhar dos deficientes visuais, que não possuem a visão como referência, mas habitam e percebem o mundo com base nos demais órgãos sensoriais, e assim criam novos sentidos. É esse “ver” das pessoas cegas que, conforme apontamentos de Silva (2012), oferece a percepção tátil e a interpretação dos elementos visio-espaciais dos objetos para o surgimento das imagens mentais.

Tais argumentos são corroborados por Alice F. Martins, ao esclarecer que os esforços para compreender os processos implícitos na construção de sentidos levam em conta os embates, os desequilíbrios nas relações de poder, os conflitos, bem como as lutas pelos direitos à diferença, à diversidade, à multiplicidade de manifestações e modos de expressão, tendo a Cultura como o solo sobre o qual as dinâmicas sociais se desenvolvem. (Martins, A. F., 2012: 208)

No livro *El ojo ilustrado: indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa* (1998) o pesquisador e educador Elliot Eisner propõem que aprendamos a ver e não apenas a olhar o mundo e as próprias experiências. Aprender a ver como maneira de inclusão na produção do conhecimento sem a pretendida neutralidade que a pesquisa científica defende. Para ele o ver é uma conquista, pois todos nascemos com os dois olhos e a possibilidade de olhar as coisas, porém o ato de ver vai além de uma simples olhada. Ver significa compreender também seu contexto histórico e social, as relações de poder, a realidade do mundo e a posição cultural que ocupa determinado objeto que está sendo olhado, assim como argumentado por Alice F. Martins.

Essas questões de relação de poder e modos de ver é também discutida amplamente por John Berger no livro *Modos de ver* (1999), que faz uma profunda análise sobre os modos de perceber as imagens. Nele são abordadas as questões que influenciam e alteram a percepção da imagem, sejam elas motivadas pelo contexto em que é vista, modo como é veiculada, intenção

com que é usada, conhecimento e marco cultural de quem a vê. Onde e o modo como vemos as imagens está ligado com o marco cultural. Modos de ver revela como nossos modos de ver interferem na nossa maneira de interpretar.

A forma de ver de acordo com as argumentações de Berger definem a significação da imagem. Cada indivíduo vê a partir de seu lugar histórico, ideológico, psicológico e/ou culturalmente determinado, e esse lugar interfere a interpretação. A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos saber a respeito delas. Para Berger ver é um ato de escolha. Olhar buscando algo é o oposto de ver.

O campo de estudo da Cultura Visual advém da “necessidade de interpretar a globalização pós-moderna da visualidade como vida cotidiana, preenchendo a lacuna existente entre a riqueza de experiência perceptiva e a capacidade de analisá-la” (Mirzoeff apud Fabris, 2007: 1). Além disso, ele se mostra também como uma ampliação do recorte histórico e crítico das imagens. Assim, a contextualização na história e na análise da arte ganha espaço e abre caminho também para uma perspectiva sociológica das obras, que começam a ser vistas como atos coletivos tanto na interpretação quanto na destinação, e não mais como fenômenos individuais. Ou seja, no lugar da visualidade como propriedade característica e definidora dos objetos, Bal (2004) aponta que são os próprios atos de visão destes objetos que constituem o objeto de seu domínio: sua ancoragem social, sua historicidade e a possibilidade de analisar sua sinestesia. Pois, é na possibilidade de “realizar atos de visão e não na materialidade do objeto referido, onde se decide se um artefato pode ser considerado a partir da perspectiva dos estudos da cultura visual” (Bal, 2004: 8). O ato de ver é essencialmente impuro.

É um ato cognitivo que classifica e interpreta as informações do objeto, ambiente e memória a partir dos vários sentidos, que também tem graus de visualidade, e, auxiliam na formulação das imagens mentais. A percepção do mundo visual pelas pessoas cegas, com base nas reflexões trazidas por Silva, valida os estudos sobre “a capacidade interpretativa dos seres vivos com relação a um novo olhar do fenômeno de conhecimento, demonstrado na operação biológica do organismo como um todo e não por manifestações isoladas da representação visual” (2012: 302). Ou seja, a visualidade se dá pela conjunção da informação de todos os sentidos e interação de cada um com o espaço em que vive. O ato de ver, de acordo com as reflexões expostas aqui, não pode mais ser entendido como uma prerrogativa de visão ocular, ao menos em nosso campo de estudo, porque, como Silva (2012) defende, já expandiu os limites teóricos e produtivos da cultura visual e comunicação, além de outras especialidades.

## 2. OS MODOS DE VER DE JOSIAS NETO

Josias Neto é estudante de filosofia, tem 30 anos e há sete perdeu a visão de maneira total e imediata por descolamento da retina bilateral, uma retinopatia diabética. Antes de ficar cego não gostava de fotografia, de ser fotografado, tinha ojeriza, como costuma falar. Seu interesse veio como um desafio, quando em 2009 uma professora de informática do Espaço Braille, da biblioteca do SENAC-SP, comentou sobre o curso de fotografia para deficientes visuais e perguntou se gostaria de participar. Como já não gostava de fotografia exitou um pouco mas pensou: “Ahh, eu não vou me dar bem. Já não gosto.” Mas depois, eu entrei no curso e o pessoal me ensinou as técnicas iniciais de fotografar com a câmera embaixo do queixo, centralizar a câmera, maneira de segurar a câmera, e tudo. A partir daí, a primeira foto que eu tirei achei que ficou boa, aí pensei, “acho que eu consigo fazer esse negócio”. (Neto, 2013)

Fotografar criando as imagens, isso foi o que mais fascinou Josias. Quando vai em determinados lugares para fotografar, sempre pergunta para alguma pessoa como é o ambiente, o lugar, a luz, as cores predominantes, e assim, vai criando a imagem como quer. E quando se depara com uma cena que não pode ser modificada, mas que lhe agrada o pensamento, o modo de enxergar a foto, faz o clique para ter a imagem registrada.

No autorretrato Espelho, de 2012, é possível conhecer um pouco mais de Josias Neto. Mesmo não gostando de ser fotografado mostrou com essa imagem um pouco de sua essência, seus valores e, principalmente, seu posicionamento e forma de encarar o mundo.

Josias Neto fez essa fotografia com o auxílio de uma das educadoras do projeto num estúdio da própria instituição. Primeiro desenhou o arco de luz branca e depois com papel-celofane azul fez o fundo. Essa imagem foi feita como proposta de exercício de autorretrato e a falta do sorriso é reflexo do seu posicionamento para com o mundo. Ele comentou que não gosta de ser fotografado, prefere ficar atrás das lentes, mas tentou se mostrar como é. Com essa fotografia mostra sua personalidade. A imagem fala da seriedade com que Josias Neto encara tudo o que faz, ele age desse modo para não perder o foco das coisas que deseja. Para o fotógrafo “quando você se olha no espelho ele não mente, pois ele mostra o que é colocado a sua frente. Ele vai te confrontar. Ele mostra o que eu sou” (Neto, 2013).

Josias lembra que quando enxergava era muito preso a visualização e, com isso, muitas coisas que aconteciam ao seu redor passavam despercebidas. Sua compreensão sobre o ver passa por esse ponto, pois entende que quando a pessoa se identifica intimamente, tem prazer com aquilo que está enxergando, há um interesse de parar para ver, caso contrário, ela só visualiza. Pois o ver demanda que realmente se compreenda as coisas dadas a vista, que refletem o olhar e passam em imagens, “ver é você aprofundar o conhecimento do seu campo visual. É você sentir, compreender e conhecer totalmente, não simplesmente só bater o olho e tá bom. Acho que o ver vai além disso, é mais profundo, ele é algo integro, por inteiro” (Neto, 2013). Ou seja, o ver é algo que relaciona todos os sentidos, não apenas a visão.

Sempre gostou muito de filmes, entender as imagens, mas não tinha muito interesse por fotografia. Por vezes quando assiste a um filme, Josias diz que ainda bate aquela sensação “Como eu queria tá vendo isso agora, daria tudo pra tá vendo isso agora” (Neto, 2013). Mas sempre depende da descrição de alguém pra tentar formar aquela imagem na memória. As pessoas ainda tem muita dificuldade em descrever, o que gera uma imagem diferenciada pra pessoa que não enxerga. Esse problema de tradução é uma das principais dificuldades encontradas pelos deficientes visuais de grau severo, pois cria uma barreira difícil de transpor. Josias acredita que em muitos casos aquilo que lhe é descrito e ele imagina são situações e cenas bastante distintas, pois são raras as descrições feitas e as imagens que um deficiente visual imagina, que tem uma referência total, que sejam quase idênticas.

Mas apesar disso é possível criar uma imagem pra ajudar a compreender melhor os fatos que se passam. Para escolher suas fotografias, Josias assegura que sempre é preciso a ajuda de alguém que enxerga pra descrevê-la, sendo essa uma maneira da imagem se consolidar. É a partir da descrição, ou seja, da tradução da imagem em palavras, que as formas vão se tornando aos poucos mais concretas. Por essa razão, sempre que possível, ele ouve a descrição/tradução de mais de uma pessoa, por entender que os olhares são diferenciados e se complementam na imagem. Como apontado por Josias Neto, o olhar é diferenciado, é particular e “está muito ligado ao coração”, ou seja, “o olhar é sempre diferenciado pelo coração da pessoa”. Acredita ainda, “que aquilo que seu coração sente ele busca, então, às vezes a mesma foto tem um detalhe que o olhar de uma pessoa capta e a outra não vai nem notar, ela nem prestou atenção” (Neto, 2013). Na escolha das imagens, além das descrições/traduições que levam à construção delas, Josias Neto, por exemplo, leva em consideração também a maneira como a pessoa fala. É assim que ele avalia se a fotografia ficou boa ou não. É a partir desse conjunto que ele seleciona as imagens e é também nesse momento que outro processo de tradução inicia, na formulação da descrição/ legenda, que acompanha a fotografia, elaborada pelo fotógrafo, juntamente ao título.

Descrição da figura 1, Espelho: autorretrato em *light paint* na cor azul. Pose levemente em  $\frac{3}{4}$  voltada para a direita com uma espécie de arco azul ao fundo emoldurando e iluminando o semblante sério e compenetrado desse homem de olhos azuis.

Figura 1: Espelho, 2012. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



Esse processo de ver por meio de palavras, pela tradução, ajuda a compreender melhor o que se passa no ambiente. Josias destaca esse aspecto pela performance que fotografou, de que trataremos em seguida. Mesmo com a tradução do educador que o acompanha e da audiodescrição do próprio espetáculo, às vezes ficava difícil de entender, devido ao barulho, ou por longos períodos sem fala. Mas há outros fatores que igualmente dificultam o processo, principalmente na hora de fotografar. Neste caso da performance, o desafio estava nos muitos movimentos. Ele dependia de gestos e posições, o que resultou em muitas imagens que não lhe agradaram. Mas houve duas que atenderam suas expectativas.

A fotografia da figura 2, chamada + Sentidos, é recente e por isso, segundo Josias, ainda não foi devidamente trabalhada. Essa imagem foi feita durante uma performance teatral parte da programação do evento + Sentidos, em São Paulo, realizado por e para pessoas com diferentes tipos e graus de deficiências. Para fazer esse recorte, Josias precisou chegar bem próximo, assim pode captar o momento em que a bailarina amarrava o cadarço da bota com a boca. Ele explica que estava “com uma lente 35mm, então cheguei bem próximo a ela, por ser uma performance o público estava bem perto, e como eram pessoas com deficiências o pessoal a via com dificuldade e ia ajudar. Então fiquei bem de frente” (Neto, 2013). A performer sabia que quem a fotografava era um deficiente visual e o ajudou com suas poses.

Descrição da imagem 2, +Sentidos: horizontal, colorida. *Close* na bailarina/performer amarrando o cadarço do pé esquerdo com a boca e mão direita, ela aparece com a perna esquerda cruzada sobre a direita e o corpo inclinado sobre a perna para amarrar o cadarço. Na imagem não é possível ver o braço esquerdo, apenas o ombro direito, os cabelos loiros curtos e parte da perna esquerda. Ela veste uma blusa rosa bebê de manga princesa e uma regata amarela da seleção brasileira. Ainda é possível ver parte da saia verde petróleo, meia arrastão de trama mais fechada preta e tênis botinha preto com amarelo, estampa de oncinha. A cabeça e o pé na parte superior esquerda da imagem formam uma diagonal até com o ombro e joelho, no canto inferior direito.

Figura 2: + Sentidos, 2013. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



Esse trabalho fotográfico foi um pouco diferente do que costuma fazer, pois estava ali para fotografar o espetáculo. Josias além de contar com a descrição da performance feita pelo aluno/educador do curso, que o acompanhava, tinha também a opção da audiodescrição do próprio espetáculo, já que o evento era voltado para abranger o público com deficiência. Ele fala que fez essa foto por perceber pelas descrições que aquele era um momento que mostrava bastante precisão na execução da ação que tinha grande grau de dificuldade, não só pela forma inusitada com que acontecia, mas também, pela performer ter algum tipo de limitação no braço esquerdo. Para Josias essa fotografia fala de superação e reinvenção, e também de adaptação, já que a sociedade de modo geral ainda possui um pensamento perigoso e equivocado com relação as pessoas com deficiência.

Descrição da figura 3, Performance: Bailarina deitada sobre uma superfície preta no centro da imagem, ao fundo é possível ver parte da plateia sentada e o chão é marrom caramelo. A bailarina está deitada de barriga para cima com os pés e mãos para o alto. Ela usa uma espécie de máscara preta e na cabeça uma tiara com orelhas da Minnie. Nas mãos calça botas de cano longo douradas, no pé direito uma sandália verde claro e meia rosa *pink*, já no esquerdo um tênis botinha de oncinha.

Figura 3: Performance, 2013. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



A outra imagem feita durante o espetáculo Josias Neto chamou de Performance, nela a bailarina, como ele se referiu, estava “travestidas de várias roupas, com uma máscara, com um óculos desenhado com olho, um arquinho da Minnie que piscava” (Neto, 2013). Segundo Josias, ela estava deitada em um tablado preto parecendo uma estátua, um enfeite. Ele escolheu esta posição para fotografar por demonstrar uma encenação de fato. Para ele essa imagem faz lembrar a forma como a mulher é vista, ainda nos dias atuais, pela sociedade machista brasileira, como um objeto, um enfeite. E o fato da performer estar totalmente coberta por fantasias e adereços, enfatiza uma construção, onde a mulher não é vista como realmente é. Traz a tona a visão do homem sobre as mulheres, que na maioria é distorcida e deturpada.

Hoje, sem dispor da percepção pelo órgão da visão, Josias tem uma maneira diferente de enxergar as coisas, não se prende ao sentido visão, só olhar e pronto. Ele tenta compreender melhor sentindo e perguntando. As vezes ele tem a impressão de incomodar, pois tem pessoas que não gostam, não tem paciência, até mesmo entre os familiares.

Mas essa é uma maneira que nós temos, não é porque não enxergamos que a gente tá nulo de ver nada. Então essa questão de estar sempre perguntando para saber como é, é pra gente ter uma referência do que tá acontecendo, das coisas que tá surgindo novas. É pra gente não ficar alheio, nulo na sociedade por causa da ausência da visão. (Neto, 2013)

Descrição da figura 4, Sala Urbana: fotografia horizontal, com um leve desfoque. No chão um pouco de sujeira, duas embalagens amarelas sobressaem, mas o destaque fica para uma TV antiga quase no centro da foto que está escorada em um muro velho, sujo e com algumas pichações principalmente no lado direito.

Figura 4: Sala urbana, 2012. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



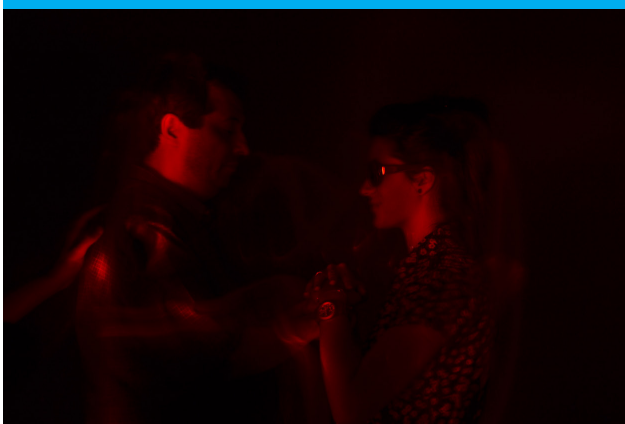
Na fotografia Sala urbana, que faz parte do projeto O que a cidade não vê<sup>15</sup>, é possível entender mais sobre seu posicionamento. O projeto executado em 2012, foi elaborado por Josias e contou com a parceria de dois amigos e fotógrafos cegos. Foi desenvolvido para mostrar a cultura dos moradores das periferias das zonas leste, sul, norte e oeste de São Paulo, regiões abandonadas pelo governo, e vistas como pobres e vazias de tudo, pela sociedade de modo geral. A imagem é desfocada para falar do descaso, da cegueira das pessoas que ali moram e ao passar por situações como essa fazem não ver. É comum o descarte de objetos e outras coisas nas ruas, tornando a calçada um depósito de lixo. As pessoas fazem das ruas extensão de suas casas, as transformam em seus quintais, não se preocupam com o outro. Com essa fotografia Josias coloca em discussão também a transformação dos espaços públicos em privados. Ele disse que essas cenas se tornam clichês, mas servem para chamar atenção para o olhar e para a cegueira.

O fato de frequentar o curso de Alfabetização Visual não mudou o seu modo de entender o que é ver e o que é imagem, mas ajudou a compor compreensão que formulou. Ver para ele, “é sentir mais as coisas, é ter um conhecimento maior daquilo que você busca olhar. Eu não tenho a imagem, então, pra eu ver ou enxergar é preciso sentir completamente aquilo que eu tô querendo transformar em imagem” (Neto, 2013). Em suas fotografias, Josias não busca a formosura e beleza, prefere colocar conceitos na imagem. Ele gosta de expressar o que sente, o que pensa, pras pessoas olharem e refletirem sobre aquele conceito, aquele pensamento. Os padrões estéticos são importantes, mas não essenciais. O essencial é você compreender o pensamento, o sentimento daquilo que tá sendo exposto e não mostrar beleza, a estética das coisas, porque isso é muito passageiro.

Quando fotografa Josias Neto procura transmitir pensamentos, conceitos na imagem e não buscar beleza somente. O conceito que busca, geralmente, é indicado através do título, da descrição da imagem, para que as pessoas tenham uma noção daquilo que procura expressar.

Descrição da fotografia Eros, figura 5: imagem horizontal em light paint. Fotografia do perfil de um homem e uma jovem mulher (foto da cintura para cima, centralizada) que estão frente a frente de mãos dadas num universo vermelho realçados por pontos focais de luz. O homem está a esquerda, de olhos fechados segurando as mãos da amada que está de óculos escuros, cabelos presos em coque volumoso e usa um relógio no pulso esquerdo. Ela veste uma blusa florida de fundo escuro e ele uma camisa social de meio tom. No ombro direito do homem é possível ver a mão de alguém, como um sinal de apoio, segurança.

Figura 5: Eros. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



Eros, que significa amor em grego, foi o título escolhido por Josias Neto para a fotografia da figura 5, onde trabalha a questão do olhar. Nela um homem mais velho está de frente a uma mulher mais jovem, em posição que lembra uma cena matrimonial. Josias aborda o amor com um olhar sem julgamento, por isso, os personagens estão de olhos fechados. A pose, as expressões

e a cor, foram planejadas para falar de amor e também do preconceito. Preconceito do amor entre pessoas de diferentes idades, do amor entre alguém com visão normal e um cego, entre um rico e um pobre.

Josias comenta que é muito fácil para as pessoas falarem da vida do outro sem conhecer, e destina essa fotografia ao amor sem preconceitos. Para o fotógrafo, o homem de olhos fechados está sentindo a mulher que, por sua vez, está feliz por conhecê-lo como ele é e não a partir do que os outros veem e falam.

Questionado sobre como define o que é imagem, Josias diz entender a imagem como sendo uma história. “Tudo tem uma história, toda imagem tem um fato por trás dela, uma história, e ela marca determinado instante dessa história” (Neto, 2013). Em suas fotografias procura mostrar o lado mais poético com a imagem e não só registrar algo que aconteceu, mesmo que elas sejam um registro. Contar uma história. A legenda e o título ajudam a contar essa história, dar indícios dela.

Descrição da figura 6, Visão: fotografia horizontal de um homem vestindo jeans, camiseta branca e jaqueta verde militar aberta. A fotografia está centralizada e balanceada por duas figuras masculinas, o entre eles divide a imagem ao meio verticalmente. O homem de frente mais ao fundo, parece olhar para o fotógrafo que aparece pela sua sombra projetada na parede, apesar de sobre a parede, a sombra por ser maior, parece estar na frente, entre o rapaz e a câmera, mais próxima do fotógrafo, tal impressão se dá também pela sombra ter o topo da cabeça e parte das pernas cortadas da foto. Mistura de sombra e luz em um retrato com autorretrato.

Figura 6: Visão, 2012. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



A fotografia da figura 6, chamada Visão, foi feita à noite, nas ruas de São Paulo. A partir da descrição feita pelo amigo que o acompanhava, Josias foi montando a composição da imagem, que trabalha com jogo de luz e sombra para dar esse efeito mais técnico e estético. Josias diz gostar de brincar com a sombra porque proporciona resultados bacanas e com isso faz com que as pessoas reflitam sobre seu próprio modo de ver, pois ao mesmo tempo que é possível ver a silhueta de uma pessoa, não dá para ver como ela é. Isso tem relação direta com a deficiência visual, esse saber sem saber, para que as pessoas entendam com é para um deficiente visual conhecer alguém. Sempre fica essa ideia de vulto, pois você toma conhecimento de que uma determinada pessoa está presente, mas não consegue saber muito além disso. São dois estranhos, e aí está a ambiguidade da foto, “ele me vê e eu não o vejo, a imagem retrata a visão de duas diferenças” (Neto, 2013), por serem dois estranhos um virou um vulto, uma sobra para o outro.

A fotografia Reminiscências, tem um significado muito especial para Josias, pois faz lembrar de quando ainda enxergava e costumava olhar para o sol. Ele era um apaixonado pelo pôr do sol e, sempre que possível, gostava de parar para admirar esse momento, e diz que ainda faz isso, mesmo sem ver. Por ser tão belo, era também um momento de reflexão, de lembrar de situações vividas durante a infância, por isso deu esse nome a fotografia. E os sapatos velhos representam uma questão de relação de tempo e memória, quando calçados passaram por diversos lugares e, depois, lançados aos fios.

Figura 7: Reminiscências, 2012. Fotografia de Josias Neto. Fonte: Arquivo pessoal.



Descrição da figura 7, Reminiscências: fotografia horizontal, tirada de baixo para cima. O sol aparece na parte superior central da imagem atrás de três fios de luz. Logo abaixo outros três fios de eletricidade sustentam seis pares de tênis amarrados aos pares pelos cadarços e que ali foram lançados. Os tênis são vistos apenas como silhuetas, por estarem contra o sol.

A fotografia Reminiscências, feita no início de uma tarde nublada de outono em 2012, é uma das preferidas e mais significativas para o fotógrafo. Antes de fazer a fotografia, Josias ficou parado na posição escolhida por alguns minutos para sentir o lugar e, posteriormente, poder lembrar da imagem e das impressões do local. Deixou o diafragma da câmera bem aberto para entrar bastante luz e resultar num excesso de brilho que não permite ver com detalhes, como quando se olha contra o sol mesmo. Desse efeito que buscou reproduzir, vem o título da fotografia Reminiscências, que significa uma vaga lembrança.

Em suas fotografias, Josias não busca mostrar beleza, ele quer evidenciar conceitos, trabalhar emoções, propor reflexões sobre lugares e modos de viver. Ele procura mostrar o que a sociedade aparenta não querer ver. Por acreditar que o olhar da sociedade para com a periferia é preconceituoso, ele se dedicou a comunidade de forma real, com seus diferentes aspectos. Para ele, a fotografia não deve ser apenas visualizada pelo aspecto estético, ela precisa falar da sensibilidade e do momento em que é feita.

Josias, assim como outros fotógrafos cegos, não entende muito bem o que as pessoas querem saber, quando questionam qual a graça de fotografar se ele não pode ver. Para essa indagação ele responde: "A graça é completa, porque não precisa ver o que fez, mas sim, sentir". Só ver não representa muito no contexto de suas fotografias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, I. (2011), *Cultura visual, política da estética e educação emancipadora*. Em R. MARTINS e I. TOURINHO (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*, pp. 69–111. Santa Maria: Editora da UFSM.
- BAL, M. (2004). *El esencialismo visual y el objeto de los estudios visuales*. Em *Estudios Visuales: Ensayo, teoría e crítica de la cultura visual y el arte contemporáneo*. Nº2, (Online). CENDEAC: Murcia, Espanha, dezembro de 2004. Recuperado de: [file:///C:/Users/D%C3%A2nia%20Soldera/Downloads/el%20esencialismo%20visual%20y%20el%20objeto%20de%20los%20estudios%20visuales%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/D%C3%A2nia%20Soldera/Downloads/el%20esencialismo%20visual%20y%20el%20objeto%20de%20los%20estudios%20visuales%20(2).pdf). [acesso: 10/04/2014]
- BERGER, J. (1999), *Modos de Ver*. Rio de Janeiro: Rocco.
- BAVCAR, E. (1994), A luz e o cego. Em A. NOVAES (Org.). *Artepensamento*, pp. 461-466. São Paulo: Companhia das Letras.
- PALESTRA: 3 *estética do invisível. Estética do (In)visível*. SESC-SP, 24 e 25 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uU3TpKOC8k&feature=relmfu>. [acesso: 18/07/2013] (transcrição – tradução livre Dânia Soldera)
- DIAS, B. (2011), *O mundo da educação em cultura visual*. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília.
- EISNER, Elliot. *Conferência*. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=3b5H7cH9CKE>. [acesso: 10/10/2013]
- FABRIS, A. (2007), *Discutindo a imagem fotográfica*. Domínios da imagem, Ano I, n. 1, novembro de 2007, p. 1-9.
- MARTINS, A. F. (2012). *Arena aberta de combates, também alcunhada de cultura visual... - anotações para uma aula de metodologia de pesquisa*. Em R. MARTINS e I. TOURINHO (Org.). *Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação*. pp. 207-230 Santa Maria: Ed. da UFSM.
- MITCHELL, W. J. T. (2009), Não existem mídias visuais. Em D. Domingues (Org.). *Arte, Ciência e Tecnologia*. pp. 167-177. São Paulo: Ed. Unesp.
- NETO, J.. Entrevista: depoimento. Outubro de 2013. São Paulo. Entrevista concedida a Dânia Soldera.
- SACKS, O. (1995). *Ver e não ver*. Em O. SACKS. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, M. D. P. C. (2012), *La Cultura Visual al alcance de los niños con ceguera*. In: 2º congresso internacional de Arte, Ilustração e Cultura Visual na Educação Infantil e Primária - Processos criativos e discursos culturais orientados para a infância. Lisboa, Portugal, 2012. Anais online, p. 299 – 304. Recuperado de: [file:///C:/Users/D%C3%A2nia%20Soldera/Downloads/La-cultura-Visual-al-alcancede-los-ninos-con-ceguera%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/D%C3%A2nia%20Soldera/Downloads/La-cultura-Visual-al-alcancede-los-ninos-con-ceguera%20(3).pdf). [acesso: 10/04/2014]
- VALENÇA, K. B. C. e MARTINS, R. (2007), *Arte contemporânea, cultura visual e a formação do professor de arte*. In: 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas - Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. De 24 a 28 de setembro de 2007, Florianópolis. Anais online, p. 885 – 892. Recuperado de: <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/090.pdf>. [acesso: 20/02/2014]

## CURRÍCULO

### Dânia Soldera

Mestra em Arte e Cultura Visual na linha Culturas da Imagem e Processos de Mediação pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, FAV/UFG; graduação em Artes Visuais - licenciatura plena pelo Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria-RS (2011) e graduação em Desenho e Plástica - bacharelado pelo CAL/UFSM (2007). Atuou como tutora on-line no curso de Licenciatura em Artes Visuais-EaD/FAV/UFG, entre 2012 e 2013. Possui experiência na Educação Infantil na área de Artes Visuais. Pesquisadora na área de modos de ver a partir da reflexão e produção fotográfica de deficientes visuais. Atuou como professora de Artes Visuais no Instituto Federal de Goiás, nos anos de 2015 e 2016, nos níveis de ensino: Técnico Integrado ao Ensino Médio; EJA em Modelagem do Vestuário; Graduação em Licenciatura em Dança e Graduação em Licenciatura em Pedagogia Bilingue. Principais disciplinas: Arte e Processo de criação; Desenho de Moda; Introdução à Estética e História da Arte; e, Fundamentos da Arte Educação. Atua como tutora online no curso de pós-graduação - Especialização em Processos e Produtos Criativos da UFG, desde 2016. Está professora temporária na Faculdade de Arte Visuais/UFG, desde maio de 2017, ministrando disciplinas na área de desenho e pintura.